IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL EMMANUEL LEVINAS

ÉTICA, DIREITOS HUMANOS E PÓS-HUMANISMO

E84
Ética, direitos humanos e pós-humanismo [Recurso eletrônico on-line] organização IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas – Belo Horizonte;

Coordenadores: Felipe Rodolfo de Carvalho, Fernando Genaro Junior e Marina Araújo Teixeira, 2019.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-65-00-00045-0
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: "O sentido do humano: ética, política e direito e tempos de mutações".

1. Ética. 2. Direitos humanos. 3. Humanismo. IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas (1:2020 : Belo Horizonte, BH).

CDU: 34

IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL EMMANUEL LEVINAS

ÉTICA, DIREITOS HUMANOS E PÓS-HUMANISMO

Apresentação

Os textos reunidos nesse volume constituíram o debate desenvolvido pelos autores no Grupo de Trabalho sobre Ética, direitos humanos e pós humanismo durante o IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas – O sentido do humano, fruto da parceria entre o Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Direito (CONPEDI), a Escola Dom Helder (EDH) e o Centro Brasileiro de Estudos Levinasianos (CEBEL).

Com muita competência e interpretações ousadas, as pesquisas apresentadas em Belo Horizonte e agora disponíveis para o grande público assumem o desafio de pensar a herança moderna de diversos conceitos fundamentais que, mais do que nunca, exigem um esforço de apropriação para a compreensão do nosso tempo. Assim, o leitor poderá acompanhar discussões sobre responsabilidade, justiça social, ação, liberdade e sociabilidade tomadas por um influxo contemporâneo do problema da alteridade de expressão levinasiana.

Belo Horizonte, novembro de 2019

Os organizadores.

HEIDEGGER E LÉVINAS: OUTROS HUMANISMOS POSSÍVEIS

HEIDEGGER ET LÉVINAS: AUTRES HUMANISMES POSSIBLES

Nádia Maria Macedo
Hélder Machado Passos

Resumo

O artigo analisa os pensamentos de Martin Heidegger e de Emmanuel Lévinas sobre o Humanismo, conforme apresentados nos textos, Carta sobre o humanismo e Humanismo do outro homem. Mesmo com visões diferenciadas sobre o sujeito, suas críticas ao Humanismo se dirigem exatamente ao estatuto do sujeito conforme pensado nos diversos humanismos. O que parece transparecer na análise é que, de maneiras distintas, os dois pensadores apresentam alternativas que são, ao final das contas, humanistas. Se em Heidegger se poderia falar de um humanismo "radical", e como, Lévinas chega ao humanismo do "outro", é o que o artigo visa discutir.

Palavras-chave: Humanismo, Sujeito, Alteridade

Abstract/Resumen/Résumé

L'article analyse les réflexions de Martin Heidegger et Emmanuel Lévinas sur l'humanisme, telles que présentées dans les textes, Lettre sur l'Humanisme et L'humanisme de l'autre Homme. Même avec des points de vue divergents sur le sujet, ses critiques de l'humanisme abordent exactement le statut du sujet comme pensé dans les divers humanismes. Ce qui semble apparaître dans l'analyse, c'est que, de différentes manières, les deux penseurs présentent des alternatives qui, après tout, sont humanistes. Si à Heidegger, on peut parler d'un humanisme "radical", et comment, Lévinas parvient à l'humanisme de "l'autre", c'est ce que l'article vise à discuter.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Humanisme, Sujet, Altérité

1. Introdução

O artigo ora apresentado traz uma análise dos pensamentos de Martin Heidegger e de Emmanuel Lévinas sobre o Humanismo, conforme apresentados nos textos de sua autoria, *Carta sobre o humanismo* e *Humanismo do outro homem*, respectivamente. Os autores possuem visões diferenciadas sobre o sujeito, mas suas críticas ao Humanismo se dirigem exatamente ao estatuto do sujeito conforme pensado, em geral, nos diversos humanismos. A discussão do Humanismo se mantém atual e pertinente na medida em que as crises de nosso tempo parecem confirmar a falência, ou a não efetivação das ideias humanistas, em suas diversas vertentes. O que os referidos autores discutem, cada um ao seu modo, ressalta essa crise do Humanismo e levanta questionamentos bastante atuais que podem contribuir para o esclarecimento de suas causas. Além disso, o que parece transparecer na análise é que, de maneiras distintas, os dois pensadores apresentam alternativas que são, ao final das contas, humanistas. Se em Heidegger se poderia falar de um humanismo "radical" e, como em Lévinas chega-se ao humanismo do "outro", é o que o artigo visa discutir.

2. O Humanismo radical de Heidegger

A *Carta sobre o humanismo*, escrita em 1946 e publicada em 1947, traz a resposta a uma das perguntas que Jean Beaufret[1] propôs a Heidegger. Um texto escrito logo após a segunda Guerra Mundial, num momento em que muito se questionava os efeitos do pensamento humanista: o momento era de discussão sobre o Humanismo, discussão esta gerada pelo que foi chamado de "crise do pensamento" do século XX. Um indício característico desta crise seria o fato de os ideais e as realizações do passado acabarem por ser considerados discutíveis. Outro indicio eram as distinções, que se multiplicaram, entre os diversos humanismos — religioso, filosófico, moral, estético, histórico, social, pedagógico, erudito, político..., entre outros tantos indícios da problemática situação do pensamento humanista.

Mas parece que o surpreendente e que precisa ser considerado no pensamento de Heidegger, na conjuntura da época, é a sua desconfiança que se origina da própria estrutura e orientação de seu pensamento, é uma crítica que pretende denunciar o Humanismo como intrinsecamente desumano. Na época do questionamento de Beaufret, estava em preparação para publicação em francês, o texto de Heidegger de uma conferência de 1942, *A teoria da verdade de Platão*. Segundo Beau (1947), nos parágrafos finais desse texto, Heidegger já fazia

[1] Jean Beaufret (1907-1982) foi um filósofo francês, amigo de Martin Heidegger e principal responsável pela divulgação de seu pensamento e obra na França do pós-guerra.

referência ao Humanismo, e sua crítica aos diversos humanismos engendrados na história do pensamento filosófico. Ou seja, o que suscitou a questão do Humanismo e as questões apresentadas por Beaufret a Heidegger parece ter sido essa referência, onde ele afirma que o Humanismo sempre esteve lá, na Metafísica, desde Platão a Nietzsche, como parte do processo do esquecimento do Ser.

A questão que Heidegger responde na *Carta para o Humanismo* é: "Como restituir um sentido à palavra Humanismo?" A *Carta* é considerada por tradutores e comentadores como Ernildo Stein e Carneiro Leão, como um texto muito importante porque leva o filósofo a redefinir seu pensamento em relação ao Homem e ao Humanismo, e "a discussão de seus pressupostos que abre toda uma outra dimensão de pensamento – o Pensamento Essencial" [2]. Assim, apresenta chaves importantes para a interpretação do pensamento heideggeriano e a sua posição no meio da crise do pensamento após o final da guerra, uma análise estrutural e histórica do Humanismo e da sua problemática intrínseca, segundo a visão do filósofo.

A pergunta de Beaufret insinua para Heidegger a necessidade de reacender o sentido do Humanismo. Ele inicia a *Carta* exatamente questionando essa necessidade: "Essa pergunta provém do propósito de conservar a palavra 'humanismo'. Pergunto-me, se é necessário. Será mesmo que ainda não está bastante clara a desgraça que provocam todos os títulos dessa espécie?" (HEIDEGGER, 2009, p. 28), e aí já aponta para a questão e o perigo de degeneração intelectual que se reflete na linguagem corrente: "Sem dúvida, há muito que se desconfia dos "ismos" [...] Em seus grandes tempos, os gregos pensaram sem esses títulos. Nem mesmo de "filosofia" chamaram o pensamento. (HEIDEGGER, 2009, p. 28). Ou ainda:

> Quando o pensamento, saindo de seu elemento, chega ao fim, compensa essa perda, valorizando-se como techne, isto é, instrumento de formação, para se tornar, com isso, atividade acadêmica e, posteriormente, atividade cultural. A filosofia se vai transformando, aos poucos, numa técnica de explicação pelas últimas causas. Já não se pensa, ocupa-se de filosofia. Na porfia da concorrência, tais ocupações se apresentam publicamente como "ismos" e procuram sobrepujar uma à outra. (HEIDEGGER, 2009, p. 30-31).

É a crítica aos "ismos", como sinal da decadência da espontaneidade do pensamento que está na origem da degeneração da linguagem, algo bastante importante em função da

[2] Conforme aponta Emmanuel Carneiro Leão na Introdução da sua tradução da Carta sobre o Humanismo, de 2009.

concepção que Heidegger tem da linguagem como a casa do Ser, onde o homem existe pertencendo à Verdade do Ser que ele guarda.

> O homem não é apenas um ser vivo, que, entre outras faculdades, possui também a linguagem. Muito mais do que isso, a linguagem é a casa do Ser. Nela morando, o homem existe na medida em que pertence à Verdade do Ser, protegendo-a e guardando-a. (HEIDEGGER, 2009, p. 55)

A degeneração da linguagem representa um perigo para o homem e se relaciona com a Metafísica moderna: "A degeneração da língua, de que hoje em dia [...] tanto se fala, não é a razão, mas é já uma consequência do processo quase contínuo da saída da língua do seu elemento, sob o domínio da Metafísica moderna da subjetividade" (HEIDEGGER, 2009, p. 60). Em vez de se revelar ao homem na sua essência de casa da Verdade do Ser, o homem utiliza a linguagem como instrumento de sujeição do Ser, através das explicações científicas e filosóficas.

Considerando o Humanismo no sentido amplo de preocupação com a humanidade do Homem, constitutiva do seu Ser e da sua dignidade, Heidegger analisa, além do Humanismo tradicional, a existência de outros. Ele os submete à crítica a partir da relação intrínseca que há entre os diferentes humanismos históricos e a Metafísica: "Todo humanismo ou se funda numa metafísica ou se converte a si mesmo em fundamento de uma metafísica" (HEIDEGGER, 2009, p. 37). Em sua opinião, o Humanismo não chegou à sua realização plena e integral, em virtude da sua correlação metafísica: ignora a distinção entre o ente e o Ser. Ou seja, não se coloca a questão da Verdade do Ser nem a do modo de o homem pertencer à Verdade do Ser.

A própria definição do Homem como animal racional, apesar de não se apresentar como errada para Heidegger, implica em uma interpretação metafísica da vida, interpretação imperfeita e insatisfatória que diminui a essência do homem e não a pensa em sua origem na sua origem: "a Metafísica que pensa o homem a partir da *animalitas*, não atinge a sua humanidade" (HEIDEGGER, 2009, p. 50). Esta crítica do Humanismo metafísico, considerado incapaz de atingir a Verdade do Ser e de chegar à verdadeira humanidade do homem, pode sugerir uma orientação humanista muito própria do pensamento de Heidegger.

Mais adiante, Heidegger (2009, p. 72) continua: "Com essa Humanitas mais Essencial do homo humanus se dá a possibilidade de restituir à palavra 'humanismo' um sentido Histórico mais antigo do que aquele que lhe possam atribuir os cálculos historiográficos". Aí ele já mostra que a restituição de um sentido ao termo "Humanismo", só pode ser levada a cabo através de

uma redefinição da palavra. Esta nova definição, que Heidegger apresenta na *Carta*, toma como base a "ec-sistência" que abriga o humano e que tem importância essencial, isto é, em relação ao próprio Ser: "É o humanismo que pensa a humanidade do homem pela proximidade do Ser. Todavia é também o humanismo em que não está em jogo o homem mas a Essência Histórica do homem em sua proveniência da Verdade do Ser." (HEIDEGGER, 2009, p. 68)

A posição de Heidegger, colocada tanto no texto sobre a doutrina da verdade de Platão quanto na *Carta*, se opõe ao Humanismo tradicional e aos seus objetivos, e novamente provoca a crítica severa a que foi submetido desde a publicação de *Ser e Tempo*. Defende-se expressamente contra a crítica de que o seu pensamento, ao opor-se ao Humanismo tradicional, seja por isso anti-humano, "preconize o inumano, defenda a desumanidade e degrade a dignidade do homem" (HEIDEGGER, 2009, p. 50). Também se defende no texto, das acusações de irracionalismo hostil ao rigor do pensamento, de desprezo dos valores supremos da humanidade, positivismo, ateísmo e niilismo.

Nas críticas ao sentido metafísico do Humanismo, Heidegger propõe deixar de pensar o homem sob o aspecto do *homo animalis*, para pensar, com a Verdade do Ser, a "*humanitas* do homo *humanus*". O próprio filósofo questiona se seu pensamento pode ser chamado de Humanismo, atribuindo a ele a qualificação de "humano", por se preocupar com a recondução do homem à sua humanidade essencial, a serviço da Verdade do Ser, humanidade do Homem humano "num significado tão decisivo como nenhuma Metafísica jamais a pensou nem a pode pensar". O humanismo que pensa a humanidade do homem e da sua situação na vizinhança do Ser, cuja preocupação não é o homem, mas o Ser histórico do homem na sua emanação da Verdade do Ser, possui um sentido extremo.

Esse humanismo "radical" cuja origem não está na antiguidade greco-romana em que se inspiraram os humanismos, é herdeiro do pensamento pré-socrático, mais original do que todos os humanismos posteriores. O homem e a humanidade humana como preocupação do pensamento são anteriores ao humanismo metafísico, e é esta preocupação humana do pensamento humano na sua fase inicial que, para Heidegger, é capaz de revelar o significado próprio, original e específico do termo humanismo. A relação do pensamento de Heidegger com o dos pensadores pré-socráticos é característica da sua posição dentro da história geral do pensamento humano. Segundo ele, é só regressando às origens pré-humanísticas de um pensamento preocupado com a humanidade humana que é possível "restituir um sentido à palavra Humanismo".

A *Carta sobre o Humanismo* representa por tudo o que foi explicitado aqui, uma contribuição importante na discussão da essência e do sentido do Humanismo. Principalmente nela, Heidegger faz uma crítica profunda, mas, ao mesmo tempo, o afirma em uma forma bem mais extrema e radical. Parece então que, para Heidegger, é dentro desse contexto que o termo Humanismo poderia levar à sua própria essência. Ou seja, não se trata propriamente de "restituir um sentido" ao termo, mas, antes, de revelar a própria essência que está em sua origem. Assim, responde afirmativamente à pergunta de Beaufret, sobre como restituir um sentido à palavra Humanismo.

3. O Humanismo do outro homem

A proposta filosófica de Lévinas se desenvolve em torno do estatuto do sujeito e de suas relações com seus semelhantes: examinando a tradição filosófica ocidental, faz profundos questionamentos a essa tradição, dos quais afloram progressivamente as ideias que defende, tendo sempre como fio condutor o princípio da alteridade. É por esse caminhar que Lévinas questiona também a ontologia e os humanismos tradicionais, e propõe um *humanismo do outro homem*, um humanismo da alteridade. Segundo o filósofo, é característica da contemporaneidade um tipo de relação onde o *eu* domina o *outro* extinguindo sua identidade, onde o *eu* reduz o *outro* ao *mesmo* ao objetiva-lo. Sua proposta reafirma a importância e a urgência da ética, uma ética da responsabilidade pelo *outro*.

Em suas reflexões sobre a tradição filosófica, tomando como referência o pensamento do ser, Lévinas evidencia como, mesmo em Husserl e Heidegger, persevera essa referência ao ser além dos entes, e assim, ao homem condicionado a uma totalidade. É no confronto a essa referência que ele apresenta a nova possibilidade de compreensão da condição humana a partir da ética na disposição do ser para-o-outro. E assim pensa a possibilidade de um humanismo como *humanismo do outro homem* na ética como filosofia primeira. Lévinas considera a Metafísica tradicional, que ele comumente chama de Ontologia, como uma forma de pensamento violento, baseado em uma "prevaricação" do ser em relação aos entes. O que ele chama de sua Metafísica é identificado como a abertura para o outro, para o diferente, é a Ética. A relação intersubjetiva, o "entre nós", é ética e revela-se na transcendência do ser para-o-outro.

O livro *Humanismo do outro homem* foi publicado em 1972 e se compõe de três textos originalmente publicados em periódicos em diferentes datas, da seguinte forma: *A significação e o sentido* – Revista de Metafísica e Moral, 1964; *Humanismo e an-arquia* – Revista Internacional de Filosofia, 1968; e, *Sem identidade* em L'Ephémère, 1970. Textos, portanto, posteriores a *Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger* e a *Totalidade e infinito*, além

de *A ontologia é fundamental?* e *O eu e a totalidade*, entre outros, nos quais Lévinas discute sobre o que é o homem, sobre a subjetividade, e sobre o sentido do humano.

Desde o texto *O tempo e o outro*, o filósofo desenvolve a ideia do surgimento da interioridade como separação, como vida interior, que se constitui a partir da fruição que quer dizer, do "viver de ...". Fruição que, assim como determina uma individualização no *em-si* e *para-si* – independência, cria uma possibilidade de abertura. Uma individualidade que se constitui de tal forma separada que não pode ser reduzida a um gênero de universalidade. E é exatamente esta ideia de separação que sustenta a própria possibilidade de se pensar numa relação metafísica, ética, num movimento capaz de fundar a nova subjetividade, ao mesmo tempo impregnada e constrangida, pela responsabilidade.

Uma relação de proximidade com o outro, porém, uma proximidade indizível, "inconjugável", um Dizer. Proximidade cuja significação Lévinas busca em *Humanismo do outro homem*, discutindo o termo humanismo por uma via, que ele chama de "inatual", que passa pelo "outro de ser em *si* – o inoportuno que interrompe a síntese do presente constituindo o tempo memorável" (LÉVINAS, 2012, p. 12) e passa também pelo *eu* livre do Humanismo clássico. Este seria um dos problemas, segundo Lévinas, o da prevalência do *mesmo* no Humanismo: a metáfora da representação e o defeito da percepção. A metáfora como um recurso à ausência denota a falha da percepção em cumprir sua missão, que consiste em fazer presente, em representar.

De maneira geral, assim como em quase todo o seu percurso filosófico, Lévinas denuncia a prevalência do *mesmo* como base da "crise do Humanismo". Em uma das formas de evidenciar sua tese ele aponta que a crise tem como fonte a "experiência da ineficácia humana": apesar de todos os recursos tecnológicos e materiais disponíveis ao homem, vê-se sua total incapacidade de levar a termo ações que concretizem resultados positivos para a própria Humanidade. Os exemplos seriam as guerras e o extermínio, a fome e a indigência de tantos seres humanos que "tornam tragicômica a preocupação para consigo mesmo e ilusórias tanto a pretensão do *animal rationale* a um lugar privilegiado no cosmos, como a capacidade de dominar e de integrar a totalidade do ser numa consciência de si" (LÉVINAS, 2012, p. 71). Ele denuncia aí, também a ilusão da busca da verdade no ser e a busca do saber verdadeiro, que passam por uma consciência de si, como anti-humanismo. A crise do humanismo então pode ser dita como crise da racionalidade e da consciência.

Estendendo sua crítica ao conhecimento, Lévinas coloca como inconsequência do anti-humanismo a pretensão do homem à descoberta do conhecimento verdadeiro, uma vez que este

também passa pela autoconsciência. Denuncia ainda o anti-humanismo através do fracasso dos atos humanos, o anti-humanismo que reduzirá o homem a um meio necessário ao ser para que ele possa refletir e se mostrar em sua verdade, isto é, na sequência sistemática de conceitos.

> Mas a consciência de si, ela mesma, desintegra-se. A psicanálise atesta [...] A coincidência consigo na consciência onde o ser *é*, desde Descartes, mostra-se ao Outro (e, a seguir, ao próprio sujeito), como exercida ou trabalhada por pulsões, por influências, numa linguagem que compõe uma máscara chamada pessoa, a pessoa ou ninguém, a rigor, um personagem dotado de consistência puramente empírica. Consequentemente, o mundo fundado sobre o *cogito* aparece humano, humano demais – a ponto de fazer com que se procure a verdade no *ser*, numa objetividade de algum modo superlativa, pura de qualquer "ideologia", sem vestígios humanos (LÉVINAS, 2012, p. 71-72).

A partir disso, Lévinas questiona se não haveria uma limitação à liberdade humana nesse humanismo e se não seria possível encontrar um sentido para a liberdade humana a partir da própria passividade do humano. Uma passividade radical da subjetividade que permite alcançar a responsabilidade que "transborda a liberdade". Na verdade, ele não busca um sentido único por si só, sua busca parece estar para além disso, num sentido que dê sentido ao sentido e que oriente as relações entre os homens, que não seja uma natureza comum capaz de caracterizar os indivíduos. Lévinas busca pensar numa orientação capaz de guiar os indivíduos, na distância que os separa, para a possibilidade de convivência, de entendimento e de aceitação da diferença.

> A absurdidade não consiste no não sentido, mas no isolamento das significações inumeráveis, na ausência de um sentido que as oriente. O que faz falta é o sentido dos sentidos, a Roma para onde convergem todos os caminhos, a sinfonia em que todos os sentidos se tornam cantantes, o cântico dos cânticos. A absurdidade tem a ver com a multiplicidade, na indiferença pura (LÉVINAS, 2012, p. 40-41).

Diante da crise do sentido que caracteriza o mundo contemporâneo, Lévinas procura mostrar que o não-sentido é uma possibilidade sempre iminente nas situações históricas, mas, para que isso não seja a última palavra na interpretação da condição humana, é preciso encontrar *o* sentido do sentido. Fica clara a sua crítica ao "sentido do humano", tomado como sentido único. Como transparece, sentido para ele é orientação, fio condutor capaz de abarcar a diversidade sem torna-la anônima em uma totalidade. Um sentido que está para além da interioridade, no acolhimento do outro, no modo de ser para o outro. E questiona novamente a

metafísica tradicional e a ontologia, denunciando o abandono voluntário e consciente de uma obrigação, a deserção da subjetividade:

> [...] Estranheza ao mundo que o fim da metafísica não consegue dissipar. Não estaremos nós diante do não sentido (non-sens) que se infiltra num mundo onde, até então, o homem não era somente o pastor do ser mas eleito para si mesmo? Ou será que a estranha derrota ou defecção da identidade estará a confirmar a eleição humana: a minha – para servir, mas a do Outro para si mesmo? (LÉVINAS, 2012, p. 103).

É na estranheza total no mundo que surge uma interioridade muito particular, construída no mundo e não no pensamento filosófico. Uma interioridade que deve ser pensada a partir da responsabilidade que a perturba de fora. Assim, Lévinas propõe pensar o homem a partir da sua condição de refém de todos os outros, que não fazem uma comunidade de gênero, uma vez que é esse homem o responsável por todos os outros – eleito sem chance de deserção a uma responsabilidade adicional. Exatamente uma responsabilidade que determina "que a subjetividade não é o Eu, mas eu" (LÉVINAS, 2012, p. 106).

É com essa *nova* subjetividade, para além do ser, que ele recria o sentido do humano. No acolhimento e a partir do chamado do outro, outro que questiona a primazia do Eu, na Ética, a subjetividade toma o sentido do humano. Para Lévinas, na relação com o absolutamente outro, esse sentido se desloca do Eu para o acolhimento do outro, e faz aparecer o verdadeiramente humano. É assim que o filósofo defende o seu *humanismo do outro homem* através do sentido do humano: a responsabilidade por todo e qualquer outro.

4. A título de considerações finais

A crítica ao Humanismo em todas as acepções que o termo tomou e que ainda permeiam nossas sociedades, permanece ainda hoje um tema importante. Ainda vivemos, e desde há muito, uma crise do pensamento, como bem mostram as evidências das disputas ideológicas, das querelas sobre nacionalismos, fascismos, entre outras, que se revelam na xenofobia, nos diversos "racismos", nas guerras de diversas naturezas, na "crise migratória", na fome e na miséria de grande parte da população mundial. Atualmente, mais ainda, parece se revelar a incompetência do homem em produzir resultados satisfatórios apesar de todo o avanço científico e tecnológico.

O pensador camaronês Achille Mbembe (2017) [3] escreveu que a era do humanismo estava terminando, e que "O principal choque da primeira metade do século XXI não será entre religiões ou civilizações. Será entre a democracia liberal e o capitalismo neoliberal, entre o governo das finanças e o governo do povo, entre o humanismo e o niilismo", apontando que a oposição entre a democracia e o capital era a nova ameaça para a civilização. Nesse contexto, as críticas ao Humanismo expressas por ambos os filósofos, Heidegger e Lévinas, permanecem dignas de análise e discussão. Será a causa da falência do Humanismo, o esquecimento do ser ou a perda do sentido dos sentidos do humano? Será mais válido pensar pelo *humanismo radical* de Heidegger ou advogar o *humanismo do outro homem* levinasiano?

É importante acentuar a realidade da falência do Humanismo tradicional e metafísico. Porém, é preciso pensar sobre como a humanidade chegou a tal ponto de inumanidade, ao de fato anti-humanismo. O que os filósofos em questão nos trazem é a necessidade de pensar, de examinar a consciência, de rever noções estabelecidas como "verdades eternas". Heidegger não tem por fim negar e destruir o Humanismo, mas se propõe a esclarecer e revelar as suas origens, reconduzindo o pensamento a elas, para que novamente se busque a sua plena realização, a que ainda não se havia chegado quando de suas críticas. O que se depreende de seu pensamento é que, é possível restituir um sentido ao Humanismo, num sentido que ultrapassa em muito os limites do termo, dando-lhe o sentido original da *humanidade humana*. Lévinas, por sua vez, busca o *sentido dos sentidos*, como ética da alteridade.

Para Heidegger, a definição do Homem como animal racional não se apresenta como errada, mas implica em uma interpretação metafísica da vida, imperfeita e insatisfatória, que diminui a essência do homem e não a pensa em sua origem. Lévinas também critica a definição de Homem como animal racional, porém, com relação à posição privilegiada que lhe é atribuída tanto na Metafísica tradicional quanto no pensamento de Heidegger. A nova definição de Humanismo de Heidegger, toma como base a "ec-sistência" que abriga o humano e que tem importância essencial, em relação ao próprio Ser. Lévinas afirma a posição do humano da Ontologia como limitadora da liberdade humana.

O confronto e o questionamento de Lévinas a Heidegger se apresenta em muitos textos de sua obra. Alguns comentadores[4] de Lévinas chegam a apontar seu afastamento de Heidegger desde os escritos dos *Cadernos do cativeiro*. Fato é que ele confronta o pensamento de

[3] Artigo traduzido para o português e publicado pela Revista IHU on-line em 24/01/2017.
[4] Como, por exemplo, Fernanda Bernardo no artigo A assinatura ético-metafísica da experiência do cativeiro de Emmanuel Levinas, uma nova orientação para a filosofia – uma outra incondição para o humano.

Heidegger na medida em que parece querer libertar o homem da Ontologia e isso, no texto *Humanismo do outro homem*, fica evidente na sua oposição ao pensamento heideggeriano enquanto violento e anti-humanista. Ao passo em que Heidegger faz uma crítica que pretende denunciar o Humanismo como intrinsecamente desumano, Lévinas considera inclusive o pensamento de Heidegger como anti-humanista, na medida em que ignora ostensivamente a alteridade (LÉVINAS, 2012, p. 43, entre outras).

O que transparece do pensamento dos dois filósofos é a crítica ao lugar do sujeito no Humanismo. Heidegger, tomando toda a história da Metafísica, da Platão a Nietzsche, aponta sua crítica para o esquecimento do *Ser*. Lévinas, por seu turno, aponta sua crítica para o cerne de seu pensamento: o problema do lugar privilegiado do sujeito e o esquecimento do *Outro*. Assim, se aprofunda um debate em que parece que a questão do Humanismo não se refere de fato à sua falência ou à sua não efetivação, mas à impossibilidade de sua realização visto que preserva, ou reserva, ao sujeito um papel em que ele, liberto ou limitado em um sistema, desde e sempre domina e escraviza o outro. Um sujeito que teme e assim ignora ou destrói a diferença, aquilo que é mais intrínseco e fundamental à humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAU, Albin Eduard. O Humanismo no pensamento de Heidegger. In: **HVMANITAS**, vol. II. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1947. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas02/11_Beau.pdf. Acesso em 25/04/2019.

BERNARDO, Fernanda. A assinatura ético-metafísica da experiência do cativeiro de Emmanuel Levinas, uma nova orientação para a filosofia – uma outra incondição para o humano. In: **Revista Filosófica de Coimbra**, vol. 21, no. 41, 2012, p. 107-174. Disponível em: http://www.uc.pt/fluc/dfci/public_/publicacoes/vol_21_n_41/assinatura. Acesso em: 11/05/2019.

DA COSTA, Affonso Henrique Vieira. A doutrina de Platão sobre a verdade. In: **Ítaca**, n. 15, out. 2010. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/269/251 . Acesso em: 22 set. 2018.

DEKENS, Olivier. **Politique de l'autre homme.** Lévinas et la fonction politique de la philosophie. Paris : Ellipses. 2003.

HEIDEGGER, Martin. A teoria platônica da verdade. In: **Marcas do caminho**. Trad. Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 215-250.

_____. Sobre a essência da verdade. In: **Marcas do caminho**. Trad. Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 189-214.

_____. **Sobre o humanismo**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009.

LÉVINAS, Emmanuel. As If Consenting to Horror. Trad. Paula Wissing. In: **Critical Inquiry** 15, no. 2 (Winter, 1989), p. 485-488. Original: Comme un consentement à l'horrible. In: Le Nouvel Observateur, 22jan1988. Disponível em: https://www.journals.uchicago.edu/doi/pdfplus/10.1086/448496. Acesso em: 26/04/2019.

_____. **Humanisme de l'autre homme**. Montpelier: Fata Morgana, 1972.

_____. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. Martin Heidegger e a ontologia. In: **Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997, p. 69-96.

MBEMBE, Achille. A era do humanismo está terminando. In: **Revista IHU**, 24/01/2017. Disponível em http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/564255-achille-mbembe-a-era-do-humanismo-esta-terminando. Acesso em: 30/03/2018.

ONATE, Neusa Rudek. Sobre o sentido do Humanismo em Martin Heidegger. In: **Revista INTUITIO**, vol. 11, no. 2. Porto Alegre: EDIPUCRS, Dez 2018, p. 87-100. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/24420. Acesso em: 25/04/2019.